

O PAPEL DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE INCLUSÃO ESCOLAR DO FILHO COM TEA: um estudo de caso na visão da família e dos professores

Carolina Flaviano da Cruz¹

Kauane Kristina Vitoria de Oliveira²

Cláudia Alexandre de Freitas Oliveira³

RESUMO

A presença da família na vida escolar da criança é essencial, ainda mais quando há algum transtorno envolvido. Este estudo teve como objetivo verificar como os pais lidam com o processo de inclusão do filho com autismo no Ensino Fundamental anos iniciais e como os professores auxiliam os pais para que a inclusão ocorra realmente. Esta pesquisa teve abordagem qualitativa, descritiva e foi realizado um estudo de caso com uma família que tem filha com autismo, matriculada no 2º período de uma escola pública, em Ubá. A professora também participou da entrevista. A coleta de dados foi conduzida por meio de entrevista semiestruturada com a professora e com a família e a análise foi realizada utilizando a abordagem interpretativa. Conclui-se que o papel da família no processo de inclusão escolar do filho com TEA é de grande importância para o seu desenvolvimento. Por esse motivo é de extrema atenção a família e a escola estarem integrados para se obter uma boa interação com alunos que possuem TEA, para que mesmo nas adversidades tenham suas próprias atividades e participações.

Palavras-Chave: Família; Inclusão; Transtorno do Espectro Autista

1 INTRODUÇÃO

A inclusão consiste em envolver todos os indivíduos dentro de um mesmo contexto, indiferente de suas limitações. Tem por objetivo desenvolver trabalhos que possam dar a eles a oportunidades e as mesmas condições das pessoas que dissemos estar em um “padrão” dito normal.

De acordo com (LUCIO, 2021), a inclusão está relacionada a uma perspectiva de incluir todos sem levar em consideração as suas condições físicas, psíquicas ou mentais. Falar da inclusão não significa necessariamente trazer a discussão sobre as diferenças que as pessoas possuem, pois deve-se valorizar o sujeito independentemente de qualquer situação existente, reconhecendo o sujeito que deve estar incluído em quaisquer âmbitos.

¹ Graduanda no curso de Pedagogia, no Centro Universitário Governador Ozanam Coelho. E-mail: carolinaflaviano@hotmail.com

² Graduanda no curso de Pedagogia, no Centro Universitário Governador Ozanam Coelho. E-mail:

³ Mestre pela Universidade Federal de Viçosa; Psicopedagoga e Neuropsicopedagoga Clínica; Docente no curso de Pedagogia. E-mail: claudia.oliveira@unifagoc.edu.br

Atualmente, a educação inclusiva contempla a ampliação do espaço sociocultural da criança, no qual os papéis sociais e as exigências formais de aprendizagem apresentam-se como novas oportunidades de interação com outras pessoas e situações (CABRAL; FALCKE; MARIN, 2021).

O Transtorno de Espectro Autista (TEA) é uma condição neurodesenvolvimental que se apresentam logo nos primeiros meses de vida do indivíduo (DSM 5, 2013). No Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais menciona que o indivíduo com autismo apresenta desenvolvimento atípico, com manifestações comportamentais, déficits na comunicação e na interação social, padrões de comportamentos repetitivos e estereotipados, podendo apresentar um repertório restrito de interesses e atividades. A literatura aponta que a causa do autismo ainda é desconhecida, mas pesquisas têm encontrado relação entre a neurobiologia e genética (BACKES; ZANON; BOSA, 2017).

Segundo o DSM 5 (2013), o Transtorno Espectro Autista (TEA) pode apresentar sintomas aos 12 ou 24 meses de idade. Apesar do aparecimento de alguns sintomas indicativos da presença da desordem nos dois primeiros anos de vida, e na maioria dos pais reportar algum tipo de preocupação relativa ao desenvolvimento do seu filho numa fase precoce, a realização do diagnóstico definitivo raramente precede os 3 anos de idade (OLIVEIRA, 2017).

Alguns estudos evidenciam que os sintomas possam vir aparecer precocemente, entretanto, uma grande parte dos pais só observam algumas características do TEA na fase da criança após os 36 meses de nascimento, pois um dos sintomas mais evidente é a falta de comunicação da criança para com seus pais. Diante disso, a preocupação dos pais leva a buscar orientação e ajuda médica, além de outros profissionais da área da saúde.

Ao ingressar no ambiente escolar, a criança que possui o diagnóstico de autismo pode ser amparada pela legislação brasileira e ter o acompanhamento de um professor de apoio, pois a Lei nº 12.764, de 27 de dezembro 2012, traz o Parágrafo Único e afirma que “em casos de comprovada necessidade, a pessoa com Transtorno do Espectro Autista incluída nas classes comuns de ensino regular, nos termos do inciso IV do art. 2º, terá direito o acompanhante especializado”.

A Lei 13.977/2020 conhecida como Lei Romeo Mion – estabelece a emissão de uma Carteira de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA). O texto

altera a Lei Berenice Piana (12.764, 2012), que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. De acordo com a nova lei, a CIPTEA deve assegurar aos autistas atenção integral, pronto atendimento e prioridade no atendimento e no acesso aos serviços públicos e privados, em especial nas áreas de saúde, educação e assistência social.

A escola tem uma grande participação na formação e no desenvolvimento do aluno com autismo, entretanto cabe à família a responsabilidade de repassar com a criança o que foi aprendido na escola, demonstrando grande importância, atenção, compreensão, carinho e respeito ao tempo de aprendizado.

A escola e a família devem trabalhar em harmonia para melhor desenvolvimento do aluno que apresenta o autismo. Contudo, ao considerar que o estudo do TEA implica o entrelaçamento do próprio transtorno, do ciclo de vida do indivíduo e da família e também do seu contexto, torna-se importante investigar a escola, pois é uma instituição fundamental para o desencadeamento dos processos de desenvolvimento (BURKE *et al.*, 2020; DESSEN& POLONIA, 2007).

Após a realização das pesquisas e leituras sobre a temática, surgiu o seguinte questionamento: como a família auxilia o processo de inclusão do filho com autismo na escola?

Esse estudo tem como objetivo geral verificar como os pais lidam com o processo de inclusão do filho com autismo no Ensino Fundamental anos iniciais e como os professores auxiliam os pais para que a inclusão ocorra realmente.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Pretende-se nesta parte do estudo discorrer sobre os principais conceitos referenciados com autores e suas teorias, discutindo acerca da temática. Os temas mais relevantes abordados são: O autismo no contexto escolar; o papel do professor na inclusão dos alunos com TEA e a participação da família no processo de inclusão.

2.1 O Transtorno do Espectro Autista no contexto escolar

O Transtorno do Espectro Autista é uma condição neurológica que afeta a comunicação, interação social e comportamento. As pessoas no espectro autista podem ter uma ampla gama de habilidades e características. Segundo o DMS-5 o Transtorno do espectro autista é a atenção compartilhada prejudicada, conforme manifestado por falta do gesto de apontar, mostrar ou trazer objetos para compartilhar o interesse com outros ou dificuldade para seguir o gesto de apontar ou olhar indicador de outras pessoas.

Já a inclusão da criança com TEA no âmbito escolar deve estar muito além da sua presença na sala de aula; deve almejar, sobretudo, a aprendizagem e o desenvolvimento das habilidades e potencialidades, superando as dificuldades.

Para Schimidt (2013) a inclusão escolar promove às crianças com TEA oportunidades de convivência com outras crianças da mesma idade, tornando-se um espaço de aprendizagem e desenvolvimento social. Possibilita-se o estímulo de suas capacidades interativas, impedindo o isolamento contínuo. Acredita-se que as habilidades sociais são passíveis de serem adquiridas pelas trocas que acontecem no processo de aprendizagem social. A oportunidade de interação com pares é a base para o desenvolvimento de qualquer criança.

O ingresso de uma criança com TEA no ambiente escolar ao início pode parecer difícil, pois eles apresentam dificuldades para se adaptar às regras da escola, mas com apoio do professor e estímulos como rotina, jogos, material pedagógica e um currículo voltado para a necessidades específicas esses alunos podem obter um desenvolvimento significativo.

Valle e Maia (2010, p.25) enfatiza que

identificar essas “necessidades” requer que os sistemas educacionais modifiquem não apenas suas atitudes e expectativas em relação a esses alunos, mas que se organizem para construir uma escola para todos que, de modo afetivo e fundamentado em evidências, dê conta dessas especificidades.

Portanto, cabe a todos, principalmente pais e professores analisarem as características e comportamento das crianças logo nos primeiros anos escolares, de forma a identificar e procurar assistência o quanto antes, pois apenas assim haverá a devida inclusão, uma vez que a escola é necessária para desenvolver o ser humano em todos os seus aspectos: cognitivos, afetivos e sociais.

Educar uma criança com necessidades educacionais específicas (NEE) consiste em um fenômeno que permite ao professor refletir sobre suas práticas e suas concepções sobre um

ensino que contemple todos os estudantes. Muitas vezes, o contato com essas crianças pode parecer assustador para o docente, principalmente se este possuir pouca experiência na prática pedagógica. É oportuno ressaltar que por mais importante que seja inserir a criança com deficiência na sala de aula regular, é necessário criar meios para que ela permaneça na escola, sem que tenha prejuízos em seu desenvolvimento.

Nesse sentido, Santos (2008, p. 30) afirma: “é que os professores devem direcionar sua prática pedagógica e tornar possível a socialização da criança com autismo na sala de aula e adequar a sua metodologia para atender as necessidades deste”. Em muitas situações, as crianças com autismo acabam ficando às margens do conhecimento ou não participam das atividades, o que exige do professor sensibilidade para incluí-lo ao máximo no convívio com o meio, visto que é no processo de socialização e interação que se constitui o desenvolvimento e aprendizagem.

Dessa forma, o professor precisa de um apoio maior e estrutural das instituições das quais fazem parte e procurar caminhos que possam respaldá-los a uma atuação com perspectivas de satisfação em relação aos resultados de seus alunos autistas.

2.2 O Papel do Professor: colaboração, adaptações e apoio na educação de alunos com TEA

Um dos maiores desafios que se apresentam ao professor no processo de inclusão do aluno com TEA na educação infantil está relacionado com a mediação pedagógica com este educando. Diante disso, percebe-se o quão desafiador é, para o professor, mediar, adequadamente, o processo de ensino aprendizagem do aluno com TEA, pois esta mediação envolve mudanças principalmente no âmbito da comunicação e da metodologia de ensino. E tais mudanças tornam-se extremamente penosas para o docente, considerando que durante sua formação, não lhe foi fornecido subsídios teóricos metodológicos suficientemente capazes de o preparar para realizar esta mediação pedagógica.

De acordo com Tavares (2008, p. 22),

O professor deve ler as atividades da criança de tal maneira que ela não subestime sua habilidade. As respostas orais são as melhores da sua capacidade de trabalho escrito. A avaliação deve ser feita de acordo com seu conhecimento e não com suas dificuldades e erros de ortografia.

A ação e o planejamento do professor serão necessários para a construção da aprendizagem do aluno com dificuldade, uma vez que, compreendendo as particularidades de cada um, avaliando de acordo com seu progresso, reconhecem-se esses avanços passo a passo. É importante compreender que os alunos precisam receber estímulos para todas as suas realizações de aprendizado, para que eles criem táticas para avançar seu aprendizado e, dessa forma, se tornarem mais seguros.

Devem-se desenvolver, ainda, outras estratégias para melhorar o desempenho do aluno como, respeitar o ritmo de aprendizado, não mencionar para o aluno que ele é lento ou não inteligente, trabalhar com atividades para desenvolver consciência fonológica em sala de aula, estimular a autoconfiança e não realizar atividades que façam com que ele se sinta envergonhado diante dos colegas.

De acordo com as propostas da educação inclusiva como o Tratado da Guatemala, (1991) e Declaração de Salamanca, (1994) todos os estudantes merecem acesso ao ensino regular, mesmo que apresentem deficiências sensoriais, mentais, cognitivas ou transtornos severos de comportamento. Portanto, é responsabilidade da escola adaptar seu sistema para atender a todos os alunos matriculados em classes regulares. Para isso, a educação inclusiva deve ser planejada e implementada de forma cuidadosa dentro de um ambiente escolar diversificado, que seja capaz de desenvolver práticas que promovam atividades heterogêneas, evitando assim que algum aluno se sinta constrangido diante de seus colegas.

Deve-se pensar na inclusão como um todo, não somente incluir este aluno no espaço escolar, mas pensar em maneiras eficazes para que de fato essa inclusão ocorra. Assim, compreende-se que educação inclusiva necessita de transformações com a finalidade de aperfeiçoar a qualidade de ensino.

A gestão escolar deve estar constantemente pensando e repensando práticas que envolvam a formação de seus profissionais, a melhoria de estruturas e atendimento ao público que necessita ser incluído por meio do ensino regular. Como a aprendizagem dos alunos com necessidades educacionais específicas pode ocorrer de forma mais lenta e gradativa, é fundamental que o educador esteja qualificado para atender suas especificidades, construindo técnicas de comunicação que possam atingi-lo de maneira significativa.

2.3 Integração Familiar e Escolar no Sucesso da Inclusão de Alunos com TEA

Como a família e a escola buscam a inclusão do aluno com autismo no ambiente escolar.

Observa-se a necessidade do desenvolvimento de um trabalho em conjunto entre escola, educador, aluno e família, que pode funcionar como uma das maiores chaves para solucionar ou, ao menos, reduzir os impactos negativos causados pelas principais dificuldades de aprendizagem. A inclusão não deve ser papel apenas da escola, pois esta não pode desenvolver a mesma sem a ajuda dos pais.

Conforme Cavaco (2014), a intervenção em seu ponto mais produtivo começa a partir do contexto familiar, dando continuidade em seguida nos demais ambientes onde a criança encontra-se inserida.

Batista e Bosa (2002, p. 36) afirmam que o comportamento da criança autista pode ter interferência de vários fatores, o que sugere também no seu possível desenvolvimento escolar e familiar.

É importante considerar todas as ações do autista, especialmente na forma como ele se expressa, pois seus comportamentos em diversas situações não são exclusivamente atribuíveis ao transtorno do espectro autista, pois essas reações podem estar diretamente influenciadas pelo ambiente social no qual ela está inserida.

É preciso união entre todos os envolvidos com a criança autista para obter-se o máximo de resultados positivos possíveis, pois do contrário, pode-se acabar prejudicando a mesma. A relação família x escola é primordial para o desenvolvimento do autista, pois como Cunha (2014, p.89) ressalta que “[...] escola e família precisam ser concordes nas ações e nas intervenções na aprendizagem, principalmente, porque há grande suporte na educação comportamental”. Isto significa dizer que a maneira como o autista come, veste-se, banha-se, escova os dentes manuseiam os objetos os demais estímulos que recebe para seu contato social precisam ser consoantes nos dois ambientes.

Conforme Cunha (2014, p. 118), “professores dedicados, que não negam a ter desafios, são inspiradores para os pais. Da mesma forma que, pais afetuosos e esperançosos estimulam o professor”. É necessária dedicação de ambas as partes para um trabalho de qualidade, onde as relações harmoniosas e comprometidas sustentam o processo inclusivo. Diante de tal importância da relação família e escola, faz-se importante ressaltar o

comprometimento ao desafio de oferecer apoio de um para o outro, unidos para melhor desenvolvimento das potencialidades da criança.

Quando pais e escolas trabalham juntos, eles podem criar um ambiente de apoio que promove o crescimento acadêmico, emocional e social das crianças com autismo. A parceria entre ambos os lados é essencial para garantir que as crianças recebam o suporte de que precisam para alcançar seu pleno potencial.

3 METODOLOGIA

A pesquisa será realizada na escola Doutor Heitor Peixoto Toledo, na cidade de Ubá onde estudam 209 alunos, divididos nas seguintes séries/períodos matutinos: Ensino fundamental 1º ano, 2º ano, 3º ano, 4º ano, 5º ano e período vespertino: materna II (2 anos), Maternal III (3 anos), 1º período, 2º período. A escola é dividida em três pavilhões, onde na parta da frente fica localizada a secretaria e a biblioteca; ao lado salas de aula e o refeitório e do outro lado fica as outras salas de aula.

Será realizada visita na escola e será feita a entrevista com a professora e os pais de uma menina com autismo, matriculada no 2º período. A entrevista, segundo Gil (2011), podem ser semiestruturadas em: informais, focalizadas, por pautas e formalizadas. O tipo de entrevista informal é a menos estruturada e só se distingue da simples conversação porque tem como objetivo básico a coleta de dados.

Quanto aos meios, trata-se de uma pesquisa bibliográfica e estudo de caso. Segundo Vergara (2006. p. 48), “pesquisa bibliográfica é o estudo sistematizado desenvolvido com base em material publicado em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, isto é, material acessível ao público em geral”.

Ventura (2007. p. 2) define estudo de caso como “uma investigação empírica, que compreende um método abrangente, com a lógica do planejamento, da coleta e da análise de dados que ocorrerá por meio da análise interpretativa”.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seguir, serão apresentados os resultados alcançados nas entrevistas realizadas com os pais de uma criança autista matricula no Ensino Fundamental anos iniciais e a professora que leciona para esta criança. Dessa forma, o objetivo dessa sessão é apresentar as

informações mais relevantes e as teorias sobre a temática.

Para realização deste estudo, foi feita uma coleta de dados por meio de entrevista semiestruturada aplicada à professora e à família da criança com TEA.

A professora possui experiência há dois anos e meio na área da educação e é pós-graduada em Análise Comportamental Aplicada voltada para o autismo.

Quando perguntado à professora sobre os métodos utilizados por ela para fazer a interação dessa aluna com os demais colegas da sala de aula, a professora respondeu “*faço mediação entre os alunos e ela, visto que ela é uma criança não verbal e não interage com os amiguinhos, mas, eles brincam com ela mesmo ela não interagindo. Estimulo de todas as formas para que haja interação entre ela e os amigos*”. Fica claro que a professora possui preocupação na interação da aluna com os demais coleguinhas, e mesmo com dificuldades na expressão verbal, procura ser mediadora nessa situação. Schimidt (2013) afirma que a inclusão escolar promove às crianças com autismo oportunidades de convivência com outras crianças da mesma idade, tornando-se um espaço de aprendizagem e desenvolvimento social e através de estímulos ambientais é possível desenvolver as capacidades interativas, impedindo o isolamento contínuo. O referido autor acrescenta que as habilidades sociais podem ser adquiridas pelas trocas que acontecem no processo de aprendizagem social. Percebe-se que a oportunidade de interação com outras crianças auxilia o desenvolvimento de qualquer criança.

Quando perguntado à professora quais foram adaptações necessárias a serem feitas para obter a atenção da aluna com TEA, a professora respondeu que “*as adaptações são necessárias, então procuro sempre trabalhar com pinturas e materiais concretos e atividades lúdicas.*” O fato de a professora mencionar que as adaptações são necessárias demonstra que o docente que trabalha com alunos autistas precisam ter um planejamento de suas aulas e necessita desenvolver, ainda, outras estratégias para melhorar o desempenho do aluno como, respeitar o ritmo de aprendizado, não mencionar para o aluno que ele é lento ou não inteligente, trabalhar com atividades para desenvolver consciência fonológica em sala de aula, estimular a autoconfiança e não realizar atividades que façam com que ele se sinta envergonhado diante dos colegas.

Diante do questionamento sobre diagnóstico de autismo, a mãe disse que foi descoberto aos três anos de idade e que a criança não toma nenhum medicamento. Acrescentou que o comportamento em casa é tranquilo, mas, “*às vezes tem momento de crise*

mas são raros, ela não fala, mas atende alguns comandos tipo a palavra não, ela sabe levantar o short sozinha e agora esta comento sozinha”.

Buscando compreender melhor essa participação, os pais foram questionados sobre como auxiliam a criança na atividades que são enviadas para casa e, segundo eles, auxiliam sim e sempre procuram ser participativos na vida escolar da criança porque acreditam ser extremamente importante, pois isso contribui para a evolução dela, *“sempre procuro estar ciente das coisas, saber o que a gente pode ajudar e a contribuir”.*

Sobre isso, os pais acrescentaram *“porque é de extrema importância, isso contribui para a evolução dela, sempre procuro estar ciente das coisas, saber o que a gente pode ajudar e a contribuir”.*

Foi perguntado também como aos pais sobre a participação deles no processo de inclusão e responderam que sempre procuraram fazer o que estava ao alcance e além e afirmam,

“procuro fazer atividades com outras crianças, sempre procuro deixar brincando com outras crianças para ver o comportamento, sempre levo onde tem mais pessoas para ver como socializa, mas no seu tempo (até onde está confortável para ela). Em casa também tem bastante brinquedo pedagógico e musical”.

Segundo a família a inclusão é de extrema importância para o desenvolvimento e a vida de sua filha, como de todas as crianças autistas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo verificar como os pais lidam com o processo de inclusão do filho com autismo no Ensino Fundamental anos iniciais e como os professores auxiliam os pais para que a inclusão ocorra realmente.

Constatou-se, através da entrevista, que os pais procuram ser participativos na vida escolar da criança auxiliando nos deveres de casa e fazendo a socialização com outras crianças em lugares além da escola.

Percebeu-se também que por mais dificuldade que a família encontra, ela está sempre estimulando e adaptando atividades que ajudam no processo de desenvolvimento e aprendizado da criança. E junto com a escola, a família procura meios para que a criança consiga se desenvolver e interagir com os outros alunos.

Foi observado que a professora, por mais dificuldade que ela tenha encontrado, procura fazer as adaptações necessárias para incluir a criança nas atividades em sala de aula, e a encontrar outras formas para chamar a atenção e favorecer o desenvolvimento da criança.

Conclui-se que o papel da família no processo de inclusão escolar do filho com TEA é de grande importância para o seu desenvolvimento. Por esse motivo é de extrema atenção a família e a escola estarem integrados para se obter uma boa interação com alunos que possuem TEA, para que mesmo nas adversidades tenham suas próprias atividades e participações.

REFERÊNCIAS

BACKES, Bárbara; ZANON, Regina Basso; BOSA, Cleonice Alves. **Características sintomatológicas de crianças com autismo e regressão da linguagem oral**. Psicologia: teoria e Pesquisa, vol. 33, pág. 1-10.

BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm>. Acesso em: 25 mar. 2024.

_____. Lei nº 13.977, de 8 de janeiro de 2020. Altera a Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012 (Lei Berenice Piana), e a Lei nº 9.265, de 12 de fevereiro de 1996, para instituir a Carteira de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (Ciptea), e dá outras providências.

_____. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN (Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996). Disponível em: . Acesso em: 25 mar. 2024.

_____. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC/SEESP, 2007.

CABRAL, Cristiane Soares; FALCKE, Denise; MARIN, Angela Helena. **Relação família-escola-criança com transtorno do espectro autista: percepção de pais e professores**. Rev. Bras. Ed. Esp., Bauru, v. 27, e 0156, p. 493-508, 2021.

CUNHA, E. **Autismo e inclusão: psicopedagogia práticas educativas na escola e na família**. 5ª ed. RJ: Wak Ed., 2014.

HAJJAR, Ana Clara.et al. **Desafios no diagnostico e tratamento precoce do Transtorno do Espectro Autista.** Trabalho de Curso, Centro Universitário de Anápolis - Unievangélica, 2020.

LUCIO, Juliane Silva e Souza. **Inclusão escolar: uma reflexão sobre os alunos especiais no ensino regular.** Trabalho de Conclusão de Curso, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2021

OLIVEIRA, Flavia Vanessa Caetano. **Transtorno do espectro autista – o papel do médico de família no diagnóstico precoce e suporte familiar.** Artigo de revisão, Faculdade de Medicina, Universidade de Coimbra, Portugal, 2017.

Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. **O papel do professor na inclusão do aluno autista.** Publicada em 17 07 2021. Disponível em: https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/aluno-autista#google_vignette. Acesso 20 abril 2024.

SANTOS, João Paulo Saraiva. **Participação e satisfação de pais de crianças Autistas com a escola: estudo exploratório.** Revista Educação Especial,2017.

SILVA, Ana Layane Brandão da. et al.. **O papel da família do aluno autista no processo de inclusão escolar.** Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central, 2022.

SCHMIDT, Carlo (org.). **Autismo, educação e transdisciplinaridade.** Campinas, SP. Editora Papyrus, 2013.

TAVARES, H. V. **Apoio pedagógico às crianças com necessidades educacionais especiais,** São Paulo, 2008, p. 22.Disponível em:< <http://www.crda.com.br/tccd/43.pdf>> acesso em: 02 de abr. 2024.

VALLE, Tânia Gracy do; MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. **Aprendizagem e comportamento humano.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

VIEIRA, Lais da Silva.et al.. **Inclusão da Criança Autista no Âmbito Escolar.** Revista de Psicologia, dez. de 2023. Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central (FACHUSC).